

FACO
FACULDADE
CRUZEIRO DO OESTE

★
★
FACULDADE CRUZEIRO DO OESTE -FACO
Credenciada pela Portaria - MEC N.º 418, de 12 de abril de 2011
Entidade mantenedora ORGANIZAÇÃO EDUCACIONAL DE CRUZEIRO DO OESTE - EDUCO

**ALFABETIZAÇÃO DE AUTISTAS ATRAVÉS DA
LUDICIDADE**

BRUNA FERNANDA DA SILVA FRANCO

CRUZEIRO DO OESTE

2021



FACULDADE CRUZEIRO DO OESTE -FACO

Credenciada pela Portaria - MEC N.º 418, de 12 de abril de 2011

Entidade mantenedora ORGANIZAÇÃO EDUCACIONAL DE CRUZEIRO DO OESTE - EDUCO

BRUNA FERNANDA DA SILVA

FRANCO

**ALFABETIZAÇÃO DE AUTISTAS ATRAVÉS DA
LUDICIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Pedagogia da Faculdade FACO, como parte integrante dos requisitos para a obtenção do diploma de graduação em Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Me. Marilza de L. Jardim

CRUZEIRO DO OESTE

2021

RESUMO: Pode-se compreender que indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, possui algumas características próprias que se revelam por meio de seus comportamentos e suas interações sociais, entre elas, destaca-se a falta de comunicação verbal e não verbal a qual dificulta sua participação em sociedade, considerando que a comunicação e as interações sociais são fatores fundamentais para a atuação social de todos os sujeitos. Porém não só o fator da ausência de uma boa comunicação interfere no processo de socialização desse sujeito, há outras questões comportamentais que também estão envolvidas, como como movimentos repetitivos estereotipados, ecolalia, sensibilidade a sons altos ou ruídos, dificuldade com mudanças de rotinas, hiperatividade ou passividade, entre outros. Buscou-se nos autores que abordam a temática, nas produções já existentes, o embasamento teórico para a formulação do pensamento apresentado no presente artigo. A produção apresentada tem por objetivo contribuir na formação dos educadores e ampliar o entendimento do processo de alfabetização e letramento para alunos que apresentam o transtorno. Apresenta um embasamento teórico sobre a ludicidade como forma de intervenção pedagógica no processo de alfabetização, apresentando formas de cooperação nessa fase da escolarização, enfatizando como ferramentas que visa contribuir com a superação das dificuldades no processo alfabetizador, trazendo a possibilidade da prática de inclusão escolar. O trabalho se divide em duas partes: a primeira aborda o Autismo e suas características e a segunda o processo de alfabetização e letramento das pessoas com o Transtorno do Espectro Autista.

Palavras chaves: Autismo, alfabetização, lúdico.

SUMÁRIO

RESUMO.....	3
1. INTRODUÇÃO.....	5
2. DESENVOLVIMENTO.....	7
2.1. O AUTISMO E SUAS CARACTERISTICAS.....	7
2.2. ALFABETIZAÇÃO E A LUDICIDADE.....	11
3. CONCLUSÃO.....	18
4.REFERENCIAS.....	19

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que tem como característica elementar a dificuldade de interações sociais e a comunicação. Segundo autores como SILVA; FRIGHETTO; SANTOS, (2013) contém também, outras propriedades, como movimentos repetitivos estereotipados, ecolalia, sensibilidade a sons altos ou ruídos, dificuldade com mudanças de rotinas, hiperatividade ou passividade, são inúmeras características que podem vir agregada ao autismo e que em cada um pode se manifestar de maneiras diferentes, que se prolonga pelo resto da vida, não havendo uma cura até o momento e nem uma conclusão concreta do porquê e em como ocorre o transtorno nas pessoas, o que se sabe é que existem vários graus que diferencia esse distúrbio, onde algumas pessoas categorizam como leve, moderado e severo e que se sucede desde o nascimento, ou seja, o sujeito nasce com autismo.

No que se refere a tratamentos, existem intervenções que são realizadas através de uma equipe de profissionais especializados, sendo eles, neurologista, pediatra, fonoaudióloga, terapeutas ocupacionais e comportamentais, psicólogo infantil, psiquiatra Infantil e psicopedagogo. Vale ressaltar que cada diagnóstico necessita de tratamentos diferenciados e nem sempre irão precisar das mesmas intervenções.

Entretanto o encadeamento alfabetizador de uma criança com Transtorno do Espectro Autista pode ser custoso, mas, não impossível onde o educador nesse processo enfrentará problemas nas relações sociais e comunicativas que pode intervir no percurso da alfabetização. Por essa razão é preciso que o educador tenha conhecimento das características do autismo e esteja preparado para saber lidar nesses momentos conflituosos. É relevante recordar que em alguns casos o aluno autista pode se desenvolver perfeitamente individualmente bem em conjunto ou até mesmo de maneira avançada com os demais alunos da sala de aula, pois, como já referido os sujeitos com o transtorno são dissemelhantes, não havendo um igual ao outro, por esse motivo a importância

do profissional ter conhecimento sobre esse transtorno para que possa se organizar de maneira que atenda a particularidade do aluno.

A finalidade desse artigo é apresentar um pensamento sobre alguns modos de agir e aplicar em sala, com uma assimilação sobre o Transtorno do Espectro Autista, tendo como centro os aspectos relacionados em como se relacionar com uma pessoa com o transtorno e a alfabetização do mesmo utilizando como ferramenta útil a influência do lúdico, onde mais satisfatoriamente se torna a alfabetização para uma criança autista. Tendo em vista o significado de acordo com o dicionário Aurélio (1975) a palavra alfabetização ela provém de "Ação de alfabetizar restrita ao aprendizado da leitura e escrita" Assim sendo pode-se articular que a alfabetização é uma forma de comunicação que se dá através da leitura e da escrita, o que pode vir a ser uma dificuldade maior para a criança autista nessa fase, sendo um processo árduo que exige empenho e um conjunto de concepções e habilidades psicomotoras.

De uma maneira descritiva a discussão será realizada, onde o leitor deparará com característica, tratamentos e manejos para lidar com um aluno autista, das mesmas formas na alfabetização. O trabalho desenvolvido está organizado em duas partes. A primeira parte discute o Autismo e suas características e a segunda parte discute a Alfabetização e a Ludicidade, se fundamentando em autores de relevância para a temática debatida como Kanner (1943) Consenza; Guerra (2011) Silva; Frighetto; Santos (2013); Soares (2017) Kupfer; Petri (2000) Luckesi (2003) Miranda (2003) Brasil (1988). O presente trabalho foi realizado através de leituras de artigos científicos, revistas online, por meio da internet, esses autores foram usados para embasamento teórico onde possui excelência contribuição para o presente trabalho ser executado e concluído com sucesso.

O tipo de abordagem é de modo qualitativo no qual busca-se compreender determinados meios, percepções e aspectos imateriais que auxiliarão o educador a ter uma perspectiva diferente e se necessário alterar suas metodologias particulares usadas até o momento, atingindo um entendimento de que em algum momento não será efetivo esses métodos para todos os alunos, então, terá que se

permitir a sair de sua zona de conforto e buscar se reinventar para que aquele aluno especial ou até mesmo um aluno que não possui nenhuma alteração típica possa se encaixar e acompanhar o desenvolvimento com os demais.

2. O AUTISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Em 1943 um psiquiatra chamado Leo Kanner observou um grupo de onze casos na qual ele descreveu inicialmente como *Distúrbios Autísticos do contato afetivo (Autistic disturbances of affective contact)*. Nesse grupo em que foi analisado pelo psiquiatra foi atentado que todos eles apresentavam uma característica em comum, havia uma "incapacidade de relacionar-se" com outras pessoas do seu âmbito social. Existia também uma falha no uso da linguagem comunicativa.

De acordo com Kanner (1943) foi observado outros comportamentos atípico como movimentos estereotipados, persistências em rotinas e a propensão a ecolalia. Nesse mesmo período o pediatra Hans Asperger também estudava um grupo de pessoas no qual as características encontradas eram igualmente das de Kanner, ambos especialistas operavam de maneira independente e descobriram uma condição médica clínica simultaneamente.

O artigo publicado caracterizando o autismo pelo psiquiatra Leo Kanner (1943) fez-se com que tornar-se um dos assuntos comportamentais mais estudados, enquanto o de Asperger demorou mais de 40 anos para que seu artigo fosse notado, que de fato ocorreu em 1981 por uma psiquiatra infantil chamada Lorna Wing onde a mesma publicou um artigo se baseando nas teorias de Hans Asperger que por fim chamou a atenção de todos.

Na contemporaneidade o tema tem tomado uma grande atenção aos estudos de diversas áreas, desde médicos, psicólogos, psiquiatras e pedagogos, onde procuram a melhor forma de descrever e compreender a maneira que os autistas vivem e veem o mundo. Tendo em vista de que segundo o CDC (Centro de Controle de Prevenções de Doenças) dos Estados Unidos sede em Geórgia, o predomínio de pessoas com Transtorno do Espectro Autista aumentou, em 2004 o número divulgado pelo CDC era de que a cada 166 pessoas 1 era autista,

em sua última publicação em 26 de março de 2020 ocorreu uma grande alteração nos números, presentemente a cada 54 pessoas 1 é autista. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 70 milhões de pessoas no mundo são acometidas pelo autismo decorrendo uma probabilidade maior em meninos do que em meninas, como também o neuropediatra Gaspar (1998) relata:

O autismo tem sido notório em 20 crianças a cada, último ano, não se restringindo a raça, a etnia ou ao grupo social. De causa ainda não especificamente determinada, o aumento pode ser em virtude, também, de um maior e melhor diagnóstico e das informações resultantes de maiores estudos e divulgações sobre a síndrome que atinge indivíduos de todos os países do mundo. (GASPAR, 1998, apud SOARES, 2017, p.16).

Dados como esse nos levam a conceber que a população com autismo tem crescido, possivelmente por várias teorias onde inclui aumento de médicos especialistas, mudanças na forma de diagnósticos ou até mesmo mais conhecimentos sobre o caso, enfim, as teses são diversas o que pode-se evidenciar é que houve um aumento na população e com isso automaticamente esses sujeitos precisando de amparo, de profissionais especializados para auxiliar as insuficiências causado pelo TEA.

O transtorno do espectro autista (TEA) é considerado um distúrbio do neurodesenvolvimento, onde segundo os estudos atuais geralmente se manifesta por volta dos 12 e 24 meses de vida. O autista apresenta grande dificuldade na área sociocomunicativa, nas suas interações com outras pessoas, em se comunicar, expressar sentimentos, emoções, podendo haver a ausência da fala sendo consequência dada pelo impedimento e a restrição que o sujeito com autismo tem de se comunicar com o mundo ao seu redor encontrando-se e vivendo em um mundo onde o próprio autista cria. Autoras como Silva, Frighetto e Santos (2013, p.1) salientam que:

A criança com autismo tem dificuldade em interagir com as outras pessoas, mudanças de rotina e de expressar suas necessidades. Onde não tem medo de perigos, apresentam pouco contato visual, sendo que não respondem a ordens verbais, sendo que ao invés de se expressar verbalmente, usam-se gestos ou sinais. O diagnóstico do autista se dá pela observação do comportamento da criança, pois nos dias atuais

não existem testes específicos para sua comprovação. O autismo se compreende por uma síndrome complexa; com as buscas de alcançar resultados melhores no trabalho com autista, deve-se o tratamento ter uma equipe multidisciplinar, tendo em seu quadro profissionais de psiquiatria, fonoaudiologia, psicologia, neurologia, psicopedagogia e demais da área de saúde (SILVA; FRIGHETTO; SANTOS, 2013, p.1).

Pode-se perceber que existem muitos autores hoje que definem claramente os sinais de autismo, suas características principais, como se dá o tratamento dentro de muitas outras ricas informações, contribuindo para o favorecimento e facilitando a obtenção de conhecimentos, notícias, sobre o devido assunto que antes era tão pouco comentado. Também ofertado agora o entendimento sobre O Transtorno do Espectro Autista, na visão de Consenza e Guerra (2011), o Autismo:

É um transtorno neurobiológico do desenvolvimento que tem uma origem genética poligênica que pode afetar muitos órgãos, mas com predomínio da alteração do funcionamento do sistema nervoso central, especialmente, estruturas como o córtex cerebral, o cerebelo e áreas do sistema límbico. [...] é caracterizado por anormalidades no comportamento, envolvendo a interação social, a linguagem e a cognição, com retardo mental em 70% dos casos e convulsões em 30% deles. O diagnóstico é clínico, feito pela observação do comportamento (CONSENZA; GUERRA, 2011, p. 133).

No presente momento não existem testes, exames, que possa evidenciar a existência do autismo no indivíduo, da mesma maneira não há um remédio, uma cura para o autismo. Entretanto a constatação do transtorno é clínica, através de observações de seu comportamento. Diante disso o DSM V- (2014) (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) relata que para obter o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista o paciente deve preencher três critérios:

1. Déficit na reciprocidade socioemocional, variando, por exemplo, de abordagem social anormal e dificuldade para estabelecer uma conversa normal a compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afeto, a dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais.

2. Déficit nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social, variando, por exemplo, de comunicação verbal e não verbal

pouco integrada a anormalidade no contato visual e linguagem corporal ou déficits na compreensão e uso gestos, a ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal.

3. Déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, variando, por exemplo, de dificuldade em ajustar o comportamento para se adequar a contextos sociais diversos a dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos, a ausência de interesse por pares.

O diagnóstico é realizado através da observação desses comportamentos citados acima, considerando da mesma forma que a criança pode ter desenvolvido outras características além das próprias do Autismo. Sendo assim é necessário ter um olhar mais compreensível e profundo de cada caso.

Esses sinais são manifestados ainda na infância por isso dá importância de estar atenta a essas características e do diagnóstico precoce, pois dessa maneira os profissionais poderão empenhar-se de um modo mais propício preservando-se que prejuízos maiores não aconteçam e sejam permanentes. No entanto pode-se levar em conta que as vezes os sintomas e características do autismo confundem, por essa razão é relevante levar o indivíduo a um especialista, pois, o autista necessita de um olhar e cuidado diferenciado, de uma atenção educacional específica. Caso o mesmo seja privado disso, é muito provável que venha suceder de comportamentos inadequados e atrasos no desenvolvimento da criança.

Comumente há vários graus do transtorno e pode-se considerar leve, mediano e severo, então as necessidades, barreiras e limitações são diferenciada para cada autista, por isso do termo "espectro" nenhum autista é igual a outro, todos possuem dificuldades diferentes mesmo sendo duas pessoas no mesmo grau de autismo não se pode comparar, pois não serão iguais. Há uma distinção, existem autismo com baixo funcionamento que seria o caso mais graves do transtorno onde envolvem déficits mais severos na relação sociocomunicativa, sendo associado também esse tipo de autismo como um QI abaixo da média, ou seja, tendo mais dificuldades na área cognitiva. E autista com alto funcionamento que seria uma facilidade maior e não tão restrita em se

comunicar com a sociedade, e geralmente possuem um QI acima do ideal. Porém, todos eles carregam em si desafios e dificuldades que enfrentarão pela vida inteira.

3. ALFABETIZAÇÃO E A LUDICIDADE

A alfabetização é de muita importância para o ser humano, essencial para que o indivíduo tenha seu lugar na sociedade cabendo igualmente para o sujeito com Autismo, sendo importante a inclusão dos mesmos cotidianamente em nosso corpo social. Com isso segundo Ferreiro (2000) o professor não pode, então, se tornar um prisioneiro de suas próprias convicções as de um adulto já alfabetizado, para ser eficaz “deverá adaptar seu ponto de vista ao da criança uma tarefa que não é nada fácil”. Não é difícil em ter consciência de que esse período é complexo tanto para o aluno que está sendo alfabetizado quanto ao professor alfabetizador, pois, a cada ano letivo, cada turma é distinta uma das outras, cada criança de maneira especial compreende o estudo de um modo diferenciado, pensando nisso, na dificuldade que pode ser encontrada na fase da alfabetização exploraremos o lúdico, o brincar, como artefato para esse ciclo.

A criança com o Transtorno do Espectro Autista dispõe-se de uma compreensão diversa em relação a maneira de interagir, se comunicar e inclusive de ver o mundo com as pessoas ao seu redor, desta forma entende-se que o ambiente escolar propicia ao aluno com o diagnóstico possibilidades de aumentar suas interações e habilidades, visto que, a escola é muitas vezes o primeiro contato que o sujeito tem com a sociedade, onde vivencia regras, momentos, deveres e direitos. É essencial entender desde cedo que a criança não é incapacitada, mas, sim que possuem necessidades específicas para algumas funções que irá desempenhar, onde a função da escola nesse ensejo é justamente ampliar o repertório de competências e conhecimentos que a criança já possui, isso fará o diferencial para estabelecer como deve estimular.

Kupfer e Petri (2000) indaga que o professor é o encarregado pelas intervenções e aprendizagem da criança e pela obtenção de diferentes habilidades. Os mesmos igualmente relatam que:

As crianças autistas possuem ilhas de inteligência preservadas, que podem desaparecer caso não as ajudemos a lhes dar sentido. Podem por falta de sentido, direção, porque não são utilizadas para alcançá-las no outro, desaparecer, ou se transformar em estereotípias. Assim, a frequência à escola acaba sendo um instrumento crucial, se não de crescimento, ao menos de conservação das capacidades já adquiridas. (KUPFER, PETRI, 2000, p. 116).

Autores como Lemos; Salomão; Agripino- Ramos (2014) retratam que os profissionais que trabalham diretamente com crianças Autista cabe em aplicarem métodos que atendam as aprendizagens e competências que são pré-requisito para que outras habilidades se efetivem em seguida. Como por exemplo um bebê antes de aprender a andar aprende a gatinhar, com a criança autista ocorre da mesma forma é preciso que o pedagogo, o profissional que irá lidar com essa criança tenha consciência que o processo de ensino-aprendizagem acontece por etapas sendo necessário que a criança aprenda determinadas coisas antes para pode executar atividades futuras, nessa fase e em todas as outras precisa-se ter sabedoria para manter-se firme e confiante transmitindo o mesmo sentimento para o aluno.

Isto é, a criança com o transtorno precisa ser estimulada frequentemente de um modo em que seja evidente a ela que tudo que está sendo promovido tenha significado e propósito, além disso é importante a compreensão e a mansidão de que existe estágios que são necessários ser sucedidos antes do resultado final, que nesse caso é a alfabetização do aluno. Assim o aluno se sentirá entusiasmado, sobrevivendo deste modo seu desenvolvimento contínuo. E para que isso seja feito com excelência pode-se ser usado o lúdico como um reforçador para despertar na criança autista o desejo de aprender de uma forma mais agradável.

Como uma maneira facilitadora muitos educadores utilizam o lúdico como um aparato para a alfabetização com seus alunos, sendo um método que funciona positivamente para o aluno autista e não autista. A ludicidade é uma ferramenta que muitos estudiosos defendem como importante para aprendizagem de uma criança por ser um recurso que demonstra bons resultado no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Agora uma fala de Luckesi

(2003) em uma de suas escrituras denominada como "*Educação, ludicidade e prevenção de neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese*" o mesmo relata que:

A ludicidade traz de novo é o fato de que o ser humano, quando age ludicamente, vivencia uma experiência plena... Enquanto estamos participando verdadeiramente de uma atividade lúdica, não há lugar, na nossa experiência, para qualquer outra coisa além dessa própria atividade. Não há divisão. Estamos inteiros, plenos, flexíveis, alegres, saudáveis. Poderá ocorrer, evidentemente, que podemos estar no meio de uma atividade lúdica e, ao mesmo tempo, estarmos divididos com outra coisa, mas aí, com certeza, não estaremos verdadeiramente participando dessa atividade. Estaremos com o corpo aí presente, mas com a mente em outro lugar e, então, nossa atividade não será plena e, por isso mesmo, não será lúdica (LUCKESI, 2003 p.06).

Compreende-se então que a ludicidade é a plenitude de uma experiência, ou seja, tudo que é experimentado pela criança enquanto estiver envolvido em alguma atividade lúdica poderá desenvolver integralmente a habilidade e o objeto de conhecimento em que o professor deseja gerar em seus alunos, do mesmo modo aprimorar física e intelectualmente, sua vida presente e posteriormente também. Com alunos excepcionais, nesse caso autistas, a utilização do lúdico servirá para expandir continências como por exemplo motora, o educador pode produzir ou trazer atividades em que irá estimular em seu discente a compreensão de coordenação motora fina e grossa como o movimento de pinça para que o mesmo consiga segurar um lápis corretamente, o pular corda, um jogo de tabuleiro ou atividades que envolva letras e números para o aguçamento cognitivo, tudo o que estiver ao alcance do alunado executar é sempre bem-vindo.

É importante ter clareza que o lúdico tem como significado segundo o dicionário Ferreira (1975) como algo "Que tem o divertimento acima de qualquer outro propósito; que faz alguma coisa simplesmente pelo prazer de fazer." Ou seja, é algo que causa alegria, entusiasmo, ao mesmo tempo deixa o aluno atípico envolvido com a atividade de uma maneira menos "pesada", contribuindo para a socialização do mesmo. A ludicidade tem esse poder de tornar a aprendizagem menos monótona e sim mais leve e fácil de ser apreendido para

o aluno autista. É fundamental descontextualizar a ideia de que ludicidade não tem proveito e nem propósito além do brincar e se divertir, mesmo esse sendo seu principal foco, existem meios que possibilitam aprendizagens relevantes e significativa para o aluno através do brincar.

Segundo Yogi (2003) o lúdico:

As atividades didáticas que fazem uso do lúdico ajudam a criança a organizar-se de forma prazerosa, proporcionando-lhe momentos de análise, de lógica, de percepção sensorial, dentre vários outros aspectos. O processo de aprender o mundo se dá pela curiosidade que impulsiona a pessoa para a descoberta e repetidas explorações. A educação pelo lúdico leva a aprendizagem espontânea, a um maior interesse e aumento de autoconfiança (YOGI 2003, apud, MIRANDA 2019 p.8).

Logo compreendemos o valor significativo que o lúdico tem na aprendizagem e na infância de uma criança e em quanto é globalizante os aspectos que o mesmo proporciona na vida do aluno, se passando muitas vezes despercebido ou então visto como apenas uma forma de distração, concebemos então que o lúdico, o jogo e o brincar possibilita milhares de boas ações e aprendizagens, de uma forma muito mais tranquila e descontraída.

O professor nessa fase assume uma função de estimulador, motivador, onde o mesmo irá propiciar atividades e momentos que desenvolva o raciocínio a comunicação e socialização entre os alunos, dado que é na infância que ocorrem as primeiras aprendizagens em razão de que por meio de experiências de vida que os sujeitos atípicos ou neurotípicos aprende sobre o contexto social em que vive, sobre o mundo e pessoas próximas a ele.

Podemos citar a música como uma fonte que contribui no desenvolvimento da criança e geralmente está presente desde a educação infantil nas atividades lúdicas, formando um conjunto importante e divertido na fase da alfabetização de um autista e de qualquer outra criança. O professor pode utilizar recursos musicais colocar sons de letras, consoantes, músicas sobre as vogais e sílabas estimulando a criança para fase de alfabetização. Outra maneira seria o educador usar sua criatividade e formar canções sobre o conteúdo que estiver ministrando no momento, tornando-se assim a aula, um momento prazeroso onde todos têm grandes chances de maior absorção do

conteúdo, incluindo o aluno autista. Vale lembrar que para esse trabalho o educador deve ter em mente o tipo de música, a altura, já que alguns autistas tem uma certa sensibilidade sonora a sons muito alto ou então a ruídos onde inconvenientemente causa perturbação para ele. Essa característica não abrange a todos com o diagnóstico, portanto os que não tem essa condição, pode ser usado a música em favor a alfabetização sem causar danos.

De acordo com a autora Miranda é importante:

[...] mostrar para a criança sua rotina do dia e trabalhar com a mesma uma rotina para leitura, enfatizando sempre o visual, já que as crianças com TEA se prendem bastante ao visual. Devemos ensinar as letras, os fonemas e grafemas para seguir as frases, orações e partes mais complexas da gramática. Na rotina de leitura é válido criar estórias com coisas que a criança goste, seja cor, objeto ou pessoas (MIRANDA, 2019, p.05).

A autora segue relatando algumas práticas que podem ser realizadas, como por exemplo, expor um desenho e pedir para que o aluno escreva a primeira letra do objeto ou pedir que os mesmos escrevam seus nomes e os desenhe, da mesma forma pode ser feito com o colega do lado, desenha-lo e escrever o seu nome. Tornando-se desta forma um meio de introduzir o lúdico nas aulas alfabetizadoras colaborando para a formação leitora dos alunos e a sua socialização. A autora segue indagando que o professor (a) precisa ter consciência de que o processo da escrita é mais demorado do que o da leitura e que algumas crianças com Transtorno do Espectro Autista que tendem a ter a escrita espelhada, contudo existem atividades que ajudam nesse tipo de dificuldade, ressaltando também que o problema com a escrita espelhada pode ocorrer igualmente com alunos neurotípicos, ou seja, alunos que não possui autismo ou qualquer outra disfunção.

É importante lembrar a questão de mudanças de rotina para o aluno autista, seja uma mudança nas tarefas como por exemplo o planejamento da realização de uma atividade lúdica no pátio da escola. É interessante ter em mente que muitas dessas crianças autistas têm um certo apego a rotinas e quando essa rotina é rompida pode suceder de um comportamento inadequado, mas, existem alternativas para que isso não ocorra. É significativo que o aluno com TEA seja avisado antecipadamente quando for acontecer algo diferente do

que está acostumado, o quanto antes o discente conseguir precipitar o que acontece diariamente na aula, mais fácil e familiar se tornará o ambiente escolar a ele.

Percebe-se que alfabetizar uma criança sendo ela com necessidades especiais ou não é custoso e desafiador pois, cada criança aprende de uma maneira muito particular, mesmo que em grupo. Em uma sala de vinte alunos, cada um, singularmente, assimilará de uma maneira diferente. É uma das fases do percurso escolar na qual a criança precisará da assistência dos pais ou responsável pelo aluno em casa, já que é uma etapa que exige estimulação constante. Portanto, é importante que a escola e a família trabalhem em parceria tendo em vista que ambos têm o mesmo objetivo que é a educação da criança. Como rege a Constituição Federal de 1988, art. 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

Assim sendo, a educação é uma incumbência de todos professor, gestores da escola, família, Estado e comunidade, cada um está responsável em zelar pelo pleno desenvolvimento da pessoa. Posto isso consideramos que as pessoas portadoras do Transtorno do Espectro Autista estão incluídas na referida lei.

Vale abordar a lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012, que define como um dos direitos do autista: Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado isto é o aluno com Autismo tem direito garantido por lei de ser matriculado no ensino regular e um professor apto para acompanhá-lo em todo seu percurso escolar, inclusive no processo de alfabetização, sendo essencial o aluno desfrutar desse direito que irá facilitar o processo de ensino em sala de aula, uma vez que, o aluno tenha um mediador auxiliando em todas suas dificuldades.

É fundamental que a instituição escolar seja um ambiente apropriado para poder atender de maneira integral as particularidades dos alunos autistas, como por exemplo o espaço físico da escola, a organização da instituição, a equipe gestora e professores. É a partir dessas situações e adaptações que começam a inclusão escolar possibilitando a alfabetização em um processo saudável e prazeroso, capaz de oferecer as condições favoráveis para o desenvolvimento do educando autista.

4. CONCLUSÃO

A educação e o aprendizado de uma criança com o Transtorno do Espectro Autista são possíveis, ao serem considerados capazes de aprenderem. A estimulação e um trabalho com técnicas e materiais apropriados, que apresentam a ludicidade, favorecem um ensino mais significativo possibilitando a alfabetização. Lembramos que a educação para o aluno autista é garantida por lei federal, tornando-se fundamental que os alunos nessas condições frequentem a escola e a eles, sejam assegurados todos os direitos previstos e que tenha seu ensino qualitativo, não só na fase da alfabetização bem como nas etapas que a seguem, sendo garantido professores qualificados.

A compreensão dos comportamentos da pessoa com Espectro Autista está em processo, e consideramos que ainda não superado. Por essa razão o presente artigo buscou desconstruir qualquer imagem negativa relacionado ao ensino desse sujeito e apresentar uma discussão da capacidade de aprendizagens de crianças com necessidades especiais, em particular alunos com Transtorno do Espectro Autista, sendo necessário a ruptura dos paradigmas e dos preconceitos ainda existentes em torno do aluno com a necessidade especial. Preconceitos que, em alguns casos, partem dos próprios profissionais da educação, que apresentam pensamentos ultrapassados, que já não cabem mais nos dias atuais. É necessário compreender os sujeitos que apresentam o Espectro Autista, seus comportamentos e buscar a superação do preconceito, oportunizando uma educação com métodos e técnicas de ensino que favorece a superação dos limites e o desenvolvimento da aprendizagem significativa e positiva na vida desses estudantes.

É importante trazer para o trabalho pedagógico com o aluno autista metodologias diferentes como, materiais lúdicos, coloridos onde o estudante irá manipular proporcionando a construção do conhecimento e o desenvolvimento da leitura e escrita possibilitando assim a alfabetização. Igualmente é relevante o professor conhecer seu aluno especial, suas características, se inteires sobre o transtorno para que a partir disso possa realizar as adaptações curriculares que cabe aquele aluno, a fim de que o processo de alfabetização das crianças com autismo possa ser efetivo e desenvolvido satisfatoriamente.

REFERENCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (Eua) (Ed.). **Manual Diagnóstico e estatísticos de transtorno mentais DSM-5**. 5. ed. São Paulo: Artmed, 2014.

BRASIL. Ban Ki-moon. Organização das Nações Unidas no Brasil (Org.). **Rejeitar pessoas com autismo é 'um desperdício de potencial humano'**, destacam representantes da ONU. 2016.

BRASIL. Constituição Federal. **Da Educação, da Cultura e do Desporto**. Brasília, DF, 1988.

BRASIL, lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Brasília, DF, 2012.

CONSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto alegre, Artmed, 2011.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Brasil, 1975.

GRANDIN, Temple; SCARIANO, Margareth M. **Uma menina estranha: autobiografia de uma autista**. São Paulo: Cia das letras, 1999.

KANNER, Leo. **Autistic Disturbances Of Aspective Contact**. Pathology, 1943.

Disponível

em:

[https://scholar.google.com.br/scholar?q=KANNER,+Leo.+Autistic+Disturbances+Of+Affective+Contact.+Pathology,+1943.&hl=pt-](https://scholar.google.com.br/scholar?q=KANNER,+Leo.+Autistic+Disturbances+Of+Affective+Contact.+Pathology,+1943.&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholar)

[BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholar](https://scholar.google.com.br/scholar?q=KANNER,+Leo.+Autistic+Disturbances+Of+Affective+Contact.+Pathology,+1943.&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholar) Acesso aos: 20/06/2021.

KUPFER, Maria Cristina. M; PETRI, Renata. **Por que ensinar a quem não aprende?** vol.5, n.9. Estilos da Clínica. São Paulo, 2000.

LEMOS Emellyne Lima de Medeiros Dias; SALOMÃO Nádia Maria Ribeiro; AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shirley. **Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar**. Revista Brasileira de Educação Especial. Marília, v. 20, n. 1, p. 117-130, jan-mar, 2014.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Educação, Ludicidade e Prevenção das Neuroses Futuras-uma proposta a partir da Biossíntese**. Salvador, 2003, p.06. Disponível em: <http://luckesi002.blogspot.com/2016/12/educacao-ludicidade-e-prevencao-das-58.html> - Acesso em 05/07/2021.

MIRANDA, Beatriz De Melo et al.. **Desafios no processo de ensino/aprendizagem na alfabetização de uma criança com tea**. Anais VI CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/59825>>. Acesso em: 13/08/2021.

SOARES, Jaqueline Dos Santos Soares; ROMEIRO, Camila de A. Cabral; MATHIAS, Sérgio Larruscaim. **O processo de alfabetização no ensino regular: atendimento a criança com autismo**. Revista: Magsul de educação da fronteira, Faculdade de Magsul. v.2,n.1 p16, Mar 2017.

SILVA, Lucinéia Cristina da; FRIGHETTO, Alexandra Magalhães; SANTOS, Juliano Ciebre dos. **O autismo e o lúdico**. Revista Nativa – Revista de ciências sociais do norte do Mato Grosso. V.1. n. 2, 2013. Disponível em: <http://revistanativa.com/index.php/revistanativa/article/view/81/pdf>. Acesso em: 20/09/2021